



# AZUL

**Pela Arte**

*Director: Thiago Peixoto*

**Iº TOMO**

Curitiba — Paraná  
— Brazil —



*Dr. Sebastião  
Paraná - Ano 1º de 1926*



# AZUL

ANNO I.<sup>o</sup>

Pela Arte

TOMO I.<sup>o</sup>

**Redacção:** Santa Rita Junior, Evaristo Pernetta, Nicolau dos Santos,  
Adolpho Werneck, Euclides Bandeira e Thiago Peixoto.

Curitiba, 4 de Março de 1908.

## AZUL

iris unicolor e pando enchendo toda a amplidão, thebaida astral das almas nobres, Azul, ante a fachada bysantina da cathedral faustosa onde Ella, a Suprema Deosa Immortal, irradia sobre um solio opalescente de turqueza e ouro, a ti, Azul, erguemos as nossas fronte engrinaldadas de sonhos para que sobre ellas desça, n'uma endosse amplissima de luz, o teo effluvio inspirador, para que sobre ellas caia a pulverisação da via-lactea aberta no teo manto, desdobrada no teo manto!

Guia-nos a nós os pequeninos, guia-nos, Azul, com tua claridade soberana ao sacrario augusto, ao capitolio divino da Arte, onde os templarios do Ideal, os coloristas da Phrase, os cinzeladores da Forma, iniciados nos magnos mysterios do Bello impeccavel, genuflexos e recolhidos, erguem para Ella, n'uma oblação austera, o viatico resplendorado do Symbolo.

O' Azul, soturnamente calmo, pomposamente em gala, deixa que aos hymnarios dos que vivem de tua luz, juntemos os nossos psalmos, as nossas glorias in excelcis, suggestionados por tua poesia nostalgica e serena, pelo teo encanto incomparavel! Joelhos em terra e mãos erguidas para Cima,

para as Alturas, onde te desdobras infinitamente magestoso n'esse te-deum pagão, offerecemos te, pois, ó Azul! na salva de prata de nossas almas que alvorecem, no hostiario immaculo de nossos corações, os nossos sonhos alados de moços! Purifica-os, Azul, etheria-os, para que elles possam ascender até Ella, n'uma alleluia de estrellas, para que elles possam cahir — castissimos e puros — aos pés da Immaculada. O' Azul! ó Azul! que de tua serenidade astral para onde se evola o clangor afflictivo das agonias, das desesperanças, das desillusões da alma humana tão vasta, tão mysteriosa, tão pungentemente dolorosa! Ó Azul, que do teo relicario santo, confidente dos sonhos dos Poetas de outr'era que se foram, esmagados e vencidos, sem poder corporisar na Palavra esta Dôr muda que fluctua intangivel, espectral e fria pelo Universo inteiro; Azul, que de tua esphera sideral, jorrando uma caudal de luz, irrompa uma madrugada em flor, uma alvorada de noivos, para illuminar a nossa Fé, para apothéosar o nosso Ideal!

Azul! Reino secreto de todos os mysterios, a nós a tua piedade infinita, ó galaxia azul de Magoas deluidas e de Illusões desfeitas, e sobre nós, alfim, ó Azul, distende o teo pallio tremulo de estrellas, de sões e de luar e de astros!

Dr. Dario Villosa - R. Silva Jardim

## Região Azul...

As aguias e os astros abrem aqui, nesta doce, meiga e miraculosa clareza azul, um raro rumor d'azas e uma rara resplandescencia solememente immortaes. As aguias e os astros amam esta região azul, vivem nesta região azul, palpitam nesta região azul. E o azul, o azul virginal onde as aguias e astros gozam, tornou-se o azul espiritualizado, a quintessencia do azul que os estrelleamentos do Sonho corôam...

Musicas passam, perpassam, finas, diluidas, finas, diluidas e d'ellas como se a côr ganhasse rythmos preciosos, parece se desprender, se diffundir uma harmonia azul, azul, de tal inalteravel azul, que é ao mesmo tempo colorida e sonora, ao mesmo tempo côr e ao mesmo tempo som...

E som e côr e côr e som, na

mesma ondulação rythmal, na mesma etherificação de formas e volupias, conjunctam-se, compõem-se, fundem-se nos corpos alados, integram-se n'uma só onda de orchestrações e de côres que vão assim tecendo as auréolas eternas das Esferas...

E dessa musica e dessa côr, dessa harmonia e desse virginal azul vem então alvorando, através da penetrante, da subtil influencia dos rubros Canticos altos do sol e das soluçadas lagrimas nocturnas da lua, a grande Flôr original, maravilhosa e sensibilizada da Alma, mais azul que toda a irradiação azul e em torno á qual as aguias e os astros, nas magestades e delicadezas das azas e das chammas, descrevem claros, largos gyros ondeantes e sempiternos.

CRUZ E SOUZA.

## — MEDIEVAL —

I

Dona Rozalba, minha Senhora  
Fenecem flores nos teus jardins,  
O inverno avança, — sinistra aurôra, —  
Despetelando brancos jasmims.

Lyrios e cravos jazem tristonhos,  
Noctambulando com o luar!..  
Dona Rozalba, voam os sonhos  
Que o branco inverno vem a chorar!

II

Partio c'o inverno seu namorado  
O pagem louro do seu solar,  
Plumas ao vento, seda e brocado,  
Louro, sorrindo para o luar!

III

Dona Rozalba vê com saudade,  
Neve cahindo no seu balcão!  
Quanta tristeza na sua herdade,  
— Tumulo aberto para a amplidão —!

IV

A primavera voltou de novo  
Cheia de sonhos e madrigaes,  
E foi florindo de povo em povo...

Mas o seu pagem não voltou mais.

THIAGO PEIXOTO.



## Flôr do Nevoeiro

Dezerto! O azul dezerto!  
 Fachas de prata de luar não  
 envolviam estrellas de oiro.  
 Nevoeiros galopavam!  
 Brumas e ventania!

Inverno...

Rozas de escarlata não entre-  
 laçavam-se com os lyrios!...  
 Lyrios não noivavam com estrellas!

Inverno!

Labios em fogo, — o incendio  
 dos desejos os devorava, — bei-  
 jei os seus labios mornos de al-  
 vorada, sobre o balcão nevado!

O' Olhos de turquesa! ó Flôr  
 do azul! ó Ether constellado!

Nevoeiros branquejavam.

Beijei-a tanto...

Rosas da primavera! não vistes  
 esse idyllio!...

Estrellas da primavera! não  
 vistes esse idyllio!...

Dezerto!

O céo estava dezerto

Rozas e lyrios voltastes!.....

..... Primavera!

..... Não n'a  
 vereis mais! minha branca  
 noiva partio por entre os bran-  
 cos nevoeiros!

Olhos azues! olhos astraes!

Flôr do Ether...

levou-os o nevoeiro.

Ella partiu porque chegastes,  
 alvos lyrios!

Quando vio malvas florindo e  
 rozas côr de seus labios, penden-  
 tes em festões pelo seu balcão  
 verde, fugio...

Luar mensageiro dos beijos de  
 luz das estrellas e dos perfumes  
 dos lyrios... Ella tem pêjo de  
 vós! Queria que eu a beijasse  
 entre os nevoeiros errantes...

Primavera porque voltaste?

Lyrios da primavera, sois noi-  
 vo das estrellas e não as beijais!

Estava tysica, disseram... par-  
 tiu de branco, labios brancos por  
 entre o branco nevoeiro!

Mentira! Olhos azues, brilhaes  
 tão longe!...

Dezerto! O azul está tão dezerto!..

Branca noiva voltae!

Os lyriaes não têm mais lyrios  
 — noivos indiscretos que sorriam  
 espreitando, occultos entre folhas  
 verdes!

Minha noiva voltae!

Morta? não crêde.

Ella tinha vergonha das estrel-  
 las curiosas, das noivas palradoras.

Tinha vergonha das estrellas  
 que espiam, noivas dos indiscre-  
 tos lyrios. —

Branca! Nevoeiros galopavam!

Foi assim que Ella partio.

Inverno, trouxe-me os olhos  
 azues, trouxe-me a flôr do ether..  
 Trazei a minha noiva.

## Verdes!

Branca? Era como um  
 alvo lyrio ao luar, nascido  
 á madrugada!....

Nas brancas mãos lyriaes  
 brancos lyrios pendiam á luz  
 forte dos seus olhos verdes!

... Folhas de malvas!..  
 ajoelhei-me, vencido.

Depois... não a vi mais..

Era tão linda!....

Sigo hoje pelas estradas  
 que as palmeiras refrescam,  
 margens abertas em flôr, e  
 no emtanto, olhai! ferem-  
 me tanto esses espinhos!..

Entre espumantes casca-  
 tas a rutilar, no alto, des-

canço a sombra, e a sede  
no entanto incendia os meus  
sonhos de purpura!...

Estrellas de oiro que andaes  
a irradiar no ether  
galvanizando os salgueiros  
de esmeralda!... Conheço-  
a tanto! Não rutila entre  
vós! E' verde a luz de seus  
olhos!

Branca como o pallor do  
nevoeiro! não a vi mais!

Era tão linda!..

Ramos de oliveira! ó ramos  
de oliveira!

Lá do azul tremulo e longinquo  
voltai! ó voltai de novo  
trazendo-me a esperança,  
olhos verdes, ó verdes  
olhos tranquillos.

*Santa Ritta Junior.*



## Grande gala

Que faceirice... Deus!... Esse elegante  
Vestido de nanzuk verde-montanha  
Dá-te, crê, a apparencia captivante  
De uma formosa lady da Bretanha.

Orna-te a loura cabelleira ondeante  
Onde minh'alma, ás vezes, se emmaranha,  
Mimosa flor — tulipa fluctuante  
No Rheno azul da placida Allemanha.

Sobre o recamo e a delicada renda  
Que aos indiscretos o teu collo venda,  
Em espiraes de glaucas amethystas.

Pende um collar... Mas... onde vaes? persegues  
Alguem? buscas alguem? dize, o que segues  
O' esculptural modelo dos Artistas...

ADOLPHO WERNECK.





# A UMA OAMA

que fluctua entre as duas e  
três de tarde pela rua Quinze.

Quando tu passas, tic-tac,  
Botinha verde de duraque,  
Sainha preta de fustão,  
Meo coração, que é uma invernã,  
Jardim que já não florescia,  
Abre uma *bocca de leão*.

E's linda! linda! linda! ainda  
Eu nunca vi cousa tão linda,  
O' flor de luz do *trottoir*!  
Não sei porque vem-me a lembrança  
Typo de uma rainha de França,  
Quando te vejo assim passar...

Ouvir o amor, que bom seria,  
Cheia de graça, ave maria,  
Desses teos labios atravéz;  
Mas, lyrio azul, que nem me olhas,  
Os meos desejos, como folhas,  
Rolam debaixo de teos pés!..

EVARISTO PERNETTA.



# ATLANTE

Espumas de odio e furia, estortegas-te uivante...  
Mas nunca te erguerás, Atlante! O Azul celeste  
Peza: é de ouro e o ouro faz joelhar! Depois quizeste,  
Audacioso, sustel-o aos hombros de gigante!..

Blasphemias, pois, em vão. A pena que tiveste  
E' justa. Agora é andar pelo futuro adeante  
Assim, dobrado ao meio, assim, arfando, arfante  
Dentro do arnez de suor que a reluzir te veste.

Comtudo és um grilheta eril. Tens rijo o dorso:  
Não estalou ainda embora o globo ingente  
Desde o lendario tempo exija o teu esforço.

Mas, olha: s'elle fosse, em vez de um raundo de astros,  
O meo Tedio brutal, ó titan! ó valente!  
Estarias, como eu, a escabujar de rastros...

EUCLIDES BANDEIRA.

As humilde paginas do "Azul" ficam a disposicao  
do distincto e laureado autor do "Alma Peribute"

# ELEITA!

O sol, de brio intenso, appareceu muito cedo, deluindo nuvens serodias que se esgarçavam pelo espaço, descerrando as palpebras da Natureza; despertando enamoradas seismadoras e beijando-as meigamente, docemente, palmilhando-as de luz e vida. As flores, os passaros e as proprias noivas, anciosas, aguardavam o sol de hoje para, n'uma apothéose de luz, de aroma, de som e de amor, oscular as tuas plantas e almejar tua felicidade!

E, eil-as, ó minha Eleita! que riem por entre a frescura de suas petalas — thuribulos de incenso aromatisando o espaço! —

Os passaros, em hymnos estridentes, vibrantes de gloria, desde muito cedo voejavam em bandos alacres, despertando virgens amorosas, avisando-as de teu aniversario. E as noivas, essas, cuja alma banha-se em amor liquefeito, genuflexas por sobre falbalas azul e rosa, balbuciam o teu nome preludiando a prece da manha!...

Agora o céu é azul. E o teu olhar meigo e acariciador, é como o lucilar das estrellas. E este céu tão meigo, ó minha Eleita!... é o arauto do teu futuro risinho!

Tua existencia — fulgida trireme de marfim burlido — aligera, singrará por sobre mares de aromas, velejando ao largo, longe dos corações afflictos.

E o Céu, ó minha Eleita!... este Céu tão meigo, terno e consolador, amar-te-á doudamente, abençoará tua existencia, enquanto as estrellas lamurias, enciumadas da luz do teu olhar, quedar-se-hão tristes e lacrimosas!

— Serás, n'esse Mundo, todo ideal, uma esmeralda, encrustada

em corações afflictos, feridos de Amor!

Eleita... solta, sem temor, as amarras d'essa trireme de marfim burlido!!! deixa-a! O velho timoneiro, annebrido pelo aroma do Oceano, velejará para o Sonho, sempre para o Sonho... e lá, ó doce Eleita!... lá, n'essa região azul, serás ainda o symbolo do Amor!...

*Alfredo de Sarandy.*

Rio, éra de 99.

## Rimance

Clelia, a soberba rainha do paiz Azul passou um dia pelo meo Tugurio.

Era divina.

Tinha o pallôr das flores outomnaes e havia nos seus olhos, serenas blandicias de luars tibios.

Sonhei-a.

Os seus cabellos eram mysteriosos, presagos de fatalidade e nelles morava o silencio atterrador da noite.

Augurio....

Um dia a encontrei bem perto. Presidia o festim do solar.

Harpas do céu tangiam canções dolentes.

Sinto saudades.

Saudades desse dia em que a vi passar altivamente bella pelo meo Tugurio.

Choro.

São lagrimas doces copiosamente derramadas no intimo d'alma.

Flores esmaecidas!...

Fôra-se como os sonhos da primavera, almas deixando em funda nostalgia.

Amo-a.

Tenho-a no intimo, a preludiar os cantos d'uma poema excelso.

Amo-a.

Sinto a sua voz dulcissima des-



ferir cantando uma elegia ardente,  
apaixonada  
Amo-a

Oh! felicidade e illusão

NICOLAO DOS SANTOS

## DOLENCIA ASTRAL

Ha por todo o infinito uma magoa infinita,  
Qual se fluidos de dor corressem pelo espaço...  
Astros! vós que cantaes, por vossa bocca d'aço,  
Um selvagem hymnario audaz — forte e exquisita.  
Harmonia que fere o Azul como um fracasso...  
Rompei, co' o alfange cruel de vossa luz bemdicta,  
Essa desolação que se espalha, e gravita  
Para a terra, seguindo um torturado traço...  
Azul! Velario azul, brilhante e estrellejado!  
Oh! que immensa tristura exhala-se, empolgante,  
Desse véo e o universo punge e vibra e agita...  
Paira, no pallio azul por sobre nós arqueado,  
A dolencia augural de Outomno desolante...  
— Ha por todo o infinito uma magoa infinita!

ARISTIDES FRANÇA

## Historico da idéa de Deos

(Burnouf)

A antiquidade grega, e sobretudo as escholas de *Platão* e de *Aristoteles*, comprehenderam perfeitamente que toda doutrina philosophica gyra em torno d'uma idéa fundamental, d'uma definição, a definição de Deos. *Platão* foi o primeiro a esclarecer esta idéa que, conforme seo exprimir, illumina todo o mundo intellectual e dá o principio da sciencia. Chamou-o *Bem*, como diriamos hoje „perfeição.“ Apesar da sua natureza metaphysica, o deos de *Platão* pareceo, a *Aristoteles*, muito pessoal e muito directamente

mesclado ás cousas, para não ser muitas vezes um obstaculo á sciencia positiva. E isso porque acarretava elementos *a priori*, que a experiencia poderia não verificar.

A eschola de *Aristoteles* representou entre os Gregos, isso que hoje denominamos espirito scientifico; arrancou ao deos de *Platão* esta personalidade gravosa, reduzio-o ao papel de causa final, fazendo delle a méta que o universo procura. Assim procedendo, deixou nas cousas a causa efficiente ou activa, cujos phenomenos de toda especie são, com effeito, as manifestações. Deos foi o limite do desenvolvimento total e parcial das cousas, si nos permittem uma expressao que



pedimos ás mathematicas. Para *Platão*, Deos era antes a „somma“ das forças activas. Obedecendo á uma corrente de idéas vinda do Oriente, esse mestre déra, como os Indianos e os Persas, á esta „somma“, uma individualidade distincta do mundo.

Todavia, o deos de *Platão* não era creador, no moderno sentido desse vocabulo. Ninguém, na antiquidade, teve o pensamento de suppor que o nada precedesse o mundo; não havia, nas linguas antigas da Europa ou da Asia, palavra alguma que exprimisse uma tal concepção. A doutrina platonica tinha, apesar da personalidade divina, um caracter pantheista nitidamente assignalado. E porque ao mesmo tempo abrisse portas ao mysticismo, porque servisse de base á uma moral elevadissima, porque provocasse a reforma social, foi adoptado por muitos espiritos superiores e inspirou o ensinamento philosophico do Muséo de Alexandria.

Quando as associações christãs estenderam-se e consolidaram-se, saindo das classes populares, começaram a fazer proselytos nas classes instruidas da sociedade greco-latina, ahí encontraram o platonismo florescente. Ha pouca metaphysica nos tres primeiros Evangelhos, si bem que *S. Paulo*, e sobretudo seu interprete, *S. Lucas*, não fossem alheios ás lettras gregas. O quarto ja delle está impregnado e começa por uma theoria, cujo caracter pantheista a ninguém escapa. Os Padres da igreja grega, sobretudo os mais antigos, pensaram á maneira do evangelista e introduziram, em parte ao menos, *Platão* na igreja.

A igreja do Oriente, que conservou o titulo de orthodoxa, em opposição á de Roma, é muito menos affirmativa qua esta no tocante á personalidade divina. A doutrina espalhada em seos

autores sagrados e livros liturgicos, aproxima-se, por um lado á *Platão*, por outro á Persia e á India; sem estar afastada do pantheismo da Asia. Pode-se attribuir esse caracter á persistência do genio hellenico e á pouca influencia exercida sobre elle pelos Semitas. Após a conquista romana, a civilização grega continuou sua marcha nas regiões situadas para alem do Adriatico; as pequenas synagogas dos Judeos nada eram entre a sociedade sabia das cidades gregas; e, quando a doutrina christã saio das egrejas nascentes, para se espalhar pelo mundo hellenico, este fel-a sua e absorveo-a, em virtude desta força de assimilação que foi sempre o caracter frísante do genio grego.

O contrario deo-se com os Latinos. Tudo que vinha dos gregos era ahí mal acolhido. O espirito positivo e tacanho de Roma incommodava-se com as especulações orientaes; as theorias alexandrinhas não tiveram successo entre os Latinos, onde tão somente soffreram afastamento. Das philosophias da Grecia e do Egypto hellenico aproveitaram somente o que se podia coadunar com o realismo latino. *Santo Agostinho*, embora combatendo á outrance o dualismo persa dos Manichêos e o pantheismo d'Alexandria, servia-se dos argumentos de *Platão* que podessem apoiar sua propria doutrina e satisfazer o espirito metaphysico, mediocremente exigente, dos pensadores occidentaes; mas só isso utilisara. (Continua.)

Carlos Raposo.

Rio de Janeiro, 17—2—1900.

#### Expediente.

O AZUL será publicado quinzenalmente.

**ASSIGNATURA:**

2 mil rs. por trimestre.

REDAÇÃO:

**PRAÇA DA REPUBLICA N. 4**